

Gustavo Bernardo Krause**“O Ser que nega”¹**

Quero aproveitar esta oportunidade, este momento, para supor que esta plateia seja uma espécie de espectador geral ao qual presto contas de parte das minhas pesquisas, principalmente das pesquisas atuais, para mostrar como elas são atravessadas por Vilém Flusser, e também como uma espécie de demonstração de que o pensamento de Flusser é um pensamento fácil, por um lado, e difícil por outro. Fácil porque fluente, porque instigante, porque envolvente. Difícil porque não forma nenhum tipo de sistema, é fundamentalmente irônico, provocando sempre outros pensamentos. Gostaria de mostrar um pouco como ele me provocou e como ele tem me levado a caminhos diferentes do dele, a trajetórias diferentes da dele, embora de algum modo eu acabe retornando e voltando a falar de Flusser, já que trabalho com ele há muito tempo.

Do estudo do Vilém Flusser, passei a me interessar pelo ceticismo filosófico. Entendi o pensamento do Flusser como atravessado por um exercício de suspensão do juízo que é tanto fenomenológico quanto cético, na linha do ceticismo clássico grego. Ele realiza um exercício permanente de pensar sob uma perspectiva diferente daquela que ele mesmo e o seu interlocutor, o seu leitor, se encontram acostumados. Sua pretensão é a de deslocar o leitor, deslocando antes ele mesmo, da zona de conforto, para forçá-lo a uma outra perspectiva. Esse movimento me levou ao estudo do ceticismo filosófico e a levantar a hipótese de que a própria ficção seria eminentemente cética. De que toda ficção, mesmo quando escrita por um dogmático, por um ortodoxo, por um reacionário, ela acaba sendo, se tiver o mínimo de qualidade, basicamente cética, ou seja, suspensiva.

Já cabe fazer um reparo a Osmar Gonçalves (um dos organizadores do Simpósio, mediador da mesa), que me apresentou como professor de teoria da imagem. Estou aqui como um estranho no ninho e Osmar gentilmente me coloca dentro do ninho, mas na verdade eu sou professor de teoria da literatura, logo, sou de uma área diferente da que contempla este encontro. Flusser provoca esse tipo de coisa. Os últimos congressos sobre

¹ Texto elaborado a partir da fala do professor Gustavo Bernardo Krause no *Simpósio Flusser em Fluxo*, que aconteceu nos dias 24 e 25 de maio de 2012 na Universidade Federal do Ceará. Transcrição de Mariana Fontenele, revisado pelo autor. Currículo do autor: <http://lattes.cnpq.br/1583187829341554>

ele se deram na área de Comunicação, em 2008, em São Paulo; na área de Letras, em 2010, no Rio de Janeiro; na área de Filosofia, em 2011, em Ouro Preto; e agora de volta à área de Comunicação, aqui em Fortaleza. O pensamento de Vilém Flusser parece atravessar várias áreas sem se fixar em nenhuma e sem permitir que nenhuma o fixe. Deste modo, gera-se a necessidade de chamar, para cada encontro desses, pessoas fora do ninho, até porque o próprio Flusser sempre esteve fora do ninho. Foi de fora do meu ninho literário que cheguei a levantar a hipótese de que toda ficção seria fundamentalmente cética.

Do estudo do ceticismo e da relação com a ficção, fui forçado a reestudar Machado de Assis. O nosso maior escritor também é eminentemente cético – tanto, que os livros didáticos o consideram muito bom, apesar do seu ceticismo. Ora, isso é absurdo. Machado de Assis é bom porque é cético, ou seja, porque destoa do senso comum. Não contentes, os livros didáticos ainda costumam perpetrar outra besteira: consideram Machado de Assis excelente não porque seja cético, mas sim por ser realista. Ora, Machado é tudo, menos realista. Machado é o maior adversário do realismo em qualquer tempo e lugar. Uma de suas melhores frases, que obviamente não aparece em nenhum livro didático, é: “a realidade é boa, o realismo é que não presta para nada”.

Meu estudo sobre Machado de Assis comprou uma briga com os defensores do cânone na minha área. A curto prazo, é uma briga perdida, mas pelo menos ela chama a atenção para o modo como se congelou o nosso maior escritor em uma chave completamente alheia à sua obra: a chave do realismo. A partir dessa questão, comecei a trabalhar com Machado relacionando-o a Flusser, embora não encontre notícia de que Flusser tenha lido Machado. Provavelmente leu, mas também deve ter se incomodado, porque Machado é sutil demais para uma ironia tão agressiva como a de Flusser.

Do estudo do ceticismo do Machado, embarquei no estudo da metaficção, já que na ficção o ceticismo costuma se expressar como metaficção, isto é, voltando toda página para dentro de si mesma. A ficção que explicita o tempo todo que é ficção nos volta igualmente para dentro de nós mesmos, ou seja, nos põe no impasse da identidade. Tornamo-nos algo como o uróboro, aquela cobra que tenta desesperadamente devorar o próprio rabo. Os escritores e os leitores do nosso tempo somos uróboros ansiosos, querendo entender o próprio entendimento, querendo identificar algures a própria identidade.

Nesse momento parece que começo a entrar no título dessa conversa, que chamei de "O ser que nega". Entendo que a principal função da ficção seja a de nos perspectivizar, ou seja, a de nos tirar da nossa perspectiva habitual e nos oferecer uma outra. Toda ficção nos joga no campo de uma outra perspectiva, no campo da perspectiva do narrador ou do personagem. Ora, o pensamento de Vilém Flusser faz a mesma coisa, deslocando-nos da nossa perspectiva e forçando-nos a ver e pensar por outro ângulo. Não à toa, Abraham Moles considerou Flusser o autor de uma espécie de "ficção filosófica". Não à toa os inimigos de Flusser, seus detratores no Brasil dos anos 60, nas faculdades paulistas, chamavam o pensamento de Flusser de "lítero-pensante". A expressão era pejorativa. Eles queriam dizer que Flusser era "literário demais" para a necessidade de rigor da filosofia e da disciplina naquele momento. No entanto, foi esse "literário demais" que me atraiu, até pela dificuldade de enquadrar semelhante pensamento numa interpretação só, como de resto acontece também na melhor ficção.

A ficção filosófica de Vilém Flusser já buscava dessacralizar a religião para sacralizar o cotidiano. Flusser é mais um dos muitos judeus sem Deus, na linhagem que nos leva a Freud, Marx, Einstein e, por que não, Woody Allen, entre tantos. Flusser faz uma crítica muito forte às estruturas dogmáticas das religiões e das diferentes instituições religiosas, mas ao mesmo tempo busca reviver a reverência perante o mistério, o que inspira a sua ideia de tentar sacralizar o cotidiano. Seu esforço de sacralização do cotidiano não deixa de ser um modo de assumir o caráter de ficção de toda a realidade, pelo menos de toda a realidade que conhecemos.

Ora, a ficção em sentido estrito, a ficção que se assume ficção, é um discurso sobre a realidade que ao mesmo tempo nega a realidade. A ficção parece perguntar sempre: por que tem que ser assim e não assado? Por isso, o realismo é o momento mais fraco da literatura, como já sabia Machado de Assis, jamais o momento mais forte, como ainda querem nossos professores e autores de livros didáticos. A ficção sempre cria uma nova realidade que tanto nega a realidade "real" quanto nos parece mais real do que a real, porque nos parece mais intensa e mais vívida do que a outra. Daí a pergunta que vem de Flusser, como vinha de Machado, no conto chamado "Espelho", como vem de um amigo de Flusser, Guimarães Rosa, em outro conto também chamado "Espelho": o que é um espelho?

Flusser define o espelho como um ser que nega: “se pensarmos no espelho como uma coisa, podemos nos contentar com a definição ou do dicionário ou do vendedor de espelhos. Se, todavia, quisermos pensar filosoficamente, portanto como um ser, precisaremos defini-lo dessa maneira: como o ser que nega. O espelho reflete porque não nos deixa atravessá-lo, devolvendo-nos apenas uma imagem invertida e menor”.

Curioso, porque nós não temos uma consciência clara disso: quando nos olhamos no espelho normalmente achamos que a imagem lá do outro lado parece que tem o mesmo tamanho do nosso rosto. No entanto, ela é muito menor. Pelas leis da ótica ela se apresenta muito menor, mas o nosso narcisismo não permite que nos vejamos menores. Então, nós corrigimos mentalmente a imagem e achamos que ela tem o mesmo tamanho – mas ela só terá o mesmo tamanho se a gente colar o nariz no vidro, pois qualquer distância diminui a imagem correspondente, que é menor e invertida.

Nesse sentido tão ótico quanto metafórico, refletir implica negar. Refletir, especular, é negar. As respostas que o espelho articula para nós são negativas, porque ele inverte as perguntas que recebe. Ora, o homem, enquanto ser que reflete, também é um ser que nega: não permite que aquilo que sobre ele incide o atravesse. O homem pensa para negar. Eu penso para negar, você pensa para negar. O ser humano é o espelho do mundo ao lhe atribuir sentido. A atribuição de sentido já é uma negação, normalmente não assumida nos discursos científicos, nos discursos convencionais, mas assumidos no discurso fictício, no discurso literário, porque nega a realidade que se vê e mostra uma outra. Mas também se poderia dizer que o ser humano é a negação do mundo, ao não aceitar o que vê. Como disse em algum lugar Dostoiévski, somos humanos e livres apenas enquanto é possível dizer “não” à realidade.

É a partir dessa leitura, dessa reflexão sobre o espelho que lembro do conto “O espelho”, de Machado de Assis, em que o alferes Jacobina só se reconhecia no espelho quando estava vestido com o uniforme de alferes. Como no conto do Guimarães Rosa, também intitulado “O espelho”, em que ele transpõe para a ficção um exercício de teatro que eu fiz há décadas atrás, com Maria Clara Machado, no teatro Tablado. Trata-se de um exercício que costumo sugerir para os meus alunos, mas ao mesmo tempo aconselho fortemente que ninguém o faça. Vou relatar o exercício aqui para vocês, mas é altamente recomendado que ninguém tente fazê-lo, porque ele é muito perigoso. É simples, mas ao mesmo tempo muito perigoso. O exercício é o de você se olhar no espelho de verdade.

Ou seja, afaste todas as pessoas da casa, desligue todos os aparelhos, corte a campainha e se olhe no espelho não para ver se o cabelo está desarrumado ou se tem alface no dente, mas sim para se olhar, para saber quem é. A gente se olha muitas vezes no espelho, mas sem se olhar; a gente se olha no espelho muitas vezes, mas por poucos segundos. Nesse exercício, você tem de se olhar por vários minutos e sem pensar em nada exceto no que vê no espelho. Em poucos minutos, você vai ver uma pessoa muito estranha do outro lado. Se você resistir mais um tempo e continuar se olhando, essa pessoa muito estranha vai ficando muito feia. Se ainda continuar se olhando, essa pessoa muito feia logo se torna um monstro. Guimarães Rosa comenta isso no seu conto, quando pergunta: “Quem, o monstro?”.

No momento em que reconhece um monstro na sua própria imagem, você decerto já está chorando. Mas, se é obcecado o bastante para seguir o exercício, concentrado o bastante para continuar olhando, em pouco mais ou pouco menos de trinta minutos você sai dali direto para o hospício, dissociado, vale dizer: esquizofrênico ou esquizofrênica. Logo, não façam esse exercício! Ele mostra nossa dificuldade com a noção de identidade e com a nossa própria identidade. Não é à toa que não nos reconhecemos quando vemos uma fotografia. Dizemos “esse não sou eu” ou então “eu não sou fotogênica”, que é uma maneira mal disfarçada de dizer “eu sou muito feia!”. Porque na foto você se vê não como se vê no espelho rápido de todo dia, mas sim como se fosse capturado pelo outro, logo, horroroso. Não conseguimos reconhecer a nossa voz numa gravação pela mesma razão.

Ora, se você não sabe quem é, como é que esse ser que não sabe quem é vai saber o que é o resto? Vai saber o que é o outro? Vai saber o que é a realidade? Só nos resta persistir numa atitude de buscar sempre novas perspectivas, de buscar sempre refletir, o que implica negar sempre. Isso leva a um reconhecimento, no limite, da impossibilidade da filosofia, conduzindo-nos à solução flusseriana da ficção filosófica, porque é preciso continuar a pensar, é preciso continuar a viver, é preciso sobreviver, inclusive mentalmente, inclusive intelectualmente. Só nos resta a solução da ficção filosófica de agir sobre o mundo performaticamente, ficticiamente. Reconhecer a essência ficcional de todos os discursos se torna igualmente necessário.

O espelho e o monstro que também sou me levaram à dificuldade de problematizar o Totalmente Outro que todas as culturas conhecem como Deus. Por paradoxo, Deus é

tanto o Absolutamente Outro quanto o Absolutamente o Mesmo. Daí deriva a impossibilidade de representá-lo, a impossibilidade até de nomeá-lo, como se diz milenarmente. Ora, daí também deriva a solução do Deus da ficção, o Deus que se confunde com o Diabo de Guimarães Rosa, principalmente em *Grande sertão: veredas*; ou o Deus irônico de um autor católico como Graham Greene, no romance *Fim de caso*, tanto um belíssimo livro como um belíssimo filme.

O que me lembra um texto antigo do Flusser, a que a gente pode dar o título de “Existencialismo como cristianismo invertido”. Esse texto está num texto maior que é também um curso que ele ministrou, mas não publicou, chamado “Filosofia da linguagem”. Conversava há pouco com o Norval Baitello Junior que há um número grande de cursos datilografado pelo Flusser. Ele não digitava, não usava computadores apesar de teorizar a respeito deles. Então ele datilografava os cursos, que merecem publicação, pelo tanto que esclarecem e pelo tanto mais que provocam.

Em “Filosofia da linguagem”, curso que ministrou no ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica), ele fala do existencialismo como a filosofia que absorve nos anos 60. Absorve para digerir, regurgitar e transformar. Permito-me citar: “Começarei por uma rápida análise do “eu”, pelo existencialismo. Quando me encontro a mim mesmo, encontro-me sempre em situação, isto é, estou no mundo. A forma do meu ser é sempre um estar aqui. Neste meu estar aqui, a minha situação me preocupa, porque me fecha. As coisas das quais consiste a minha situação se opõem a mim e barram o meu projeto. Sou determinado pelas coisas. Ao me projetar contra as coisas, verifico que estas podem ser apreendidas, compreendidas e empreendidas, e que posso me libertar delas ou transformá-las em meus instrumentos. Mas por que posso fazer tudo isto? Porque minha forma de ser é diferente do ser ou da forma de ser das coisas. As coisas estão diante de mim cheias de si mesmas. São, nas palavras de Sartre, “*top choses*”, coisas em demasia. Mas eu tenho em mim uma vacuidade, sou invadido pelo nada. Sou uma forma de ser defeituosa, porque estou aqui para a morte, e sei disso. Por este meu defeito, sinto nojo das coisas demasiadamente cheias. As coisas me enchem – o saco, inclusive. E este meu nojo é um ponto de partida da minha decisão de libertar-me das coisas. A minha vacuidade, que é o meu estar para a morte, me permite transcender as coisas. É por esta vacuidade que estendo as mãos para alcançá-las. É por esta vacuidade que existo. Existir significa estar invadido pelo nada. Este nada em mim, que é o próprio fundamento do

meu estar aqui, é uma fenda na situação compacta na qual me encontro. É em virtude dessa clara noite de angústia do nada, que descubro dentro de mim, que vejo as coisas como são, a saber, coisas e não nada. O nada em mim, o nada que sou, é a fenda pela qual o mundo surge para estabelecer-se em meu redor na situação na qual me encontro. A situação em meu redor, a minha circunstância, brotou do nada, que se esconde no meu centro. Foi o nada em mim, que estabeleceu o mundo. Como os senhores veem, essa análise ontológica do “Dasein”, do estar aí heideggeriano, desemboca numa espécie de budismo, embora numa espécie ocidental de budismo. O nada em mim, do qual falam os existencialistas, é um nada ativo, “nadificante”, e tem pouca semelhança com o nirvana, do qual é paralelo. Com efeito, esse nada é o lugar deixado vago pelo Deus do Cristianismo, depois de ter este morrido, para usar uma palavra de Nietzsche. O existencialismo é cristianismo invertido.”

Vilém Flusser não se limita a recusar a hipótese “Deus” como faz o pensamento científico, principalmente desde o século XIX. Ele tenta transformar a hipótese, ele tenta transformar Deus. Ele recusa já recusando a recusa e a transformando numa outra perspectiva. Ele transforma o próprio pensamento que recusa, nomeadamente o de Sartre, para recusá-lo por sua vez e então buscar uma concepção metafísica dentro dele mesmo. Ele insiste na busca pela transcendência que leva tanto à procura de Deus quanto, reconhece Flusser, na ligação com Deus. A negação de Deus, a tentativa mesma de explicar o mundo cientificamente, nos leva a uma outra figuração. Essa outra figuração é que me trouxe à minha pesquisa atual.

Nesta pesquisa, que venho inclusive trabalhando em sala de aula, discuto a relação tão estreita quanto conflitiva entre religião e literatura. Entendo a dimensão fictícia da religião e entendo ao mesmo tempo a dimensão religiosa da literatura; entendo que a arte nasce da religião e sempre é um pouco religião, mesmo quando a nega, e entendo que a religião nasce como ficção e permanece ficção mesmo quando nega que é ficção e tenta ser, digamos, literal.

Ouso discutir o indiscutível, porque indecível: a existência de Deus. Sistematizo essa discussão em três grandes blocos: o bloco dos pensadores e escritores que militam contra Deus e contra todas as religiões; o bloco dos pensadores e escritores que, ao contrário, militam a favor de Deus e a favor das religiões; e o bloco dos pensadores e

escritores que, apesar de assumidamente ateus, reconhecem a necessidade antropológica do sagrado e quiçá de Deus.

No primeiro bloco, estudo os pensadores que batalham contra a religião. Na linha de frente, encontro o biólogo Richard Dawkins, com o seu livro principal *Deus, um delírio*; encontro o filósofo inglês A. C. Grayling, com o seu livro *Against Gods*, ainda sem tradução em português; e encontro o jornalista, falecido há pouco tempo, Christopher Hitchens, com o seu livro *Deus não é grande*. Observo que o grupo dos cientistas que segue Dawkins no seu virulento ataque contra as religiões é formado basicamente por biólogos. Os físicos não entram nesse grupo, talvez porque os biólogos tenham como carro-chefe a teoria científica mais bem sucedida de todas, a teoria da evolução. Eles parecem acalantar mais certezas do que os físicos, que desde o início do século XX, a partir do princípio da incerteza de Heisenberg, têm mais dúvidas do que certezas. Então, curiosamente, alguns físicos, inclusive físicos de ponta, vêm se aproximando de concepções religiosas. O físico Frank Tipler, por exemplo, escreveu o livro *A Física do Cristianismo* para provar a validade da concepção cristã e a existência de Deus com fórmulas matemáticas e raciocínio físico.

Na literatura, acompanhando esse grupo, o português José Saramago deu várias declarações muito agressivas em relação à religião e escreveu vários romances críticos para ilustrar sua posição, como *Memorial do convento*, *Evangelho segundo Jesus Cristo* e *Caim*. Dos livros de Saramago, o que me parece mais interessante e mais forte, no entanto, é aquele que faz o ataque indireto à religião, ou seja, o *Ensaio sobre a cegueira*. Nesse grupo encontramos também Philip Pullman, que lançou há pouco tempo *O bom Jesus e o infame Cristo*. Nesse romance, em linguagem bem próxima da bíblica, ele reconta a famosa história como se Jesus Cristo fossem dois, isto é, como se eles fossem irmãos gêmeos: Jesus e Cristo. O bom Jesus é o Jesus histórico, que espantou o seu tempo com uma reflexão ética e religiosa radicalmente nova, até mesmo revolucionária. A gente conheceria da narrativa bíblica e que não teria nada a ver, pela sua própria palavra, com a formação de uma Igreja, pela formação de uma Instituição. E o infame Cristo é aquele que vai contar para a posteridade a história de Jesus, mas a modificando muito, de modo a preparar a construção da igreja católica, portanto, a definir as bases da constituição do poder religioso.

No segundo grupo, o grupo a favor de Deus, vejo autores fascinantes, fascinantes inclusive para quem não crê. A principal autora é uma ex-freira chamada Karen

Armstrong, que escreveu um livro publicado recentemente, chamado *Em defesa de Deus*. Trata-se de um belíssimo livro. Com muita honestidade intelectual ela primeiro esmiuça os argumentos contra a religião para depois criticá-los. Ela realmente mostra um debate com posições diferentes para melhor defender a posição dela, de alguém que crê. Há outro livro bem anterior, de 1908, de G. K. Chesterton, chamado *Ortodoxia*. Muitos tinham me recomendado esse livro, Borges e Kafka o consideram muito inteligente e muito divertido. É um livro irônico, bem humorado e delicioso de ler. Ele defende todos os dogmas da Igreja Católica, mas com uma verve especial. Chesterton é também um romancista, autor de vários contos policiais igualmente interessantes. Acrescento o brasileiro Leonardo Boff, que tem toda uma reflexão sobre Deus extremamente poética e relançada há pouco tempo, chamada *A experiência de Deus*.

Entre os autores de ficção assumidamente religiosos, lembro Graham Greene, de quem já falei, principalmente o romance *Fim de caso*, e Guimarães Rosa, assumidamente religioso, sempre um amigo e adversário, ao mesmo tempo, de Vilém Flusser. Quando Flusser criticou as traduções de Rosa para o alemão, feitas por Meyer-Clason, Guimarães correu para defender seu tradutor em carta para ele, dizendo: “não, o Flusser é muito inteligente, mas ele só pensa nele mesmo. Eu e você estamos afinados porque nós buscamos Deus, nós buscamos o transcendente”. É sempre interessante também estudar as divergências entre Flusser e Rosa, porque elas refletem muito os dois. O que um fala do outro é espelho, faz efeito de espelho.

Para finalmente fechar esse semi-relatório de pesquisa, no campo dos não crentes mas a favor do sagrado eu vejo autores como Alain de Botton, que lançou um livro recente chamado *Religião para ateus*. Botton é um ateu que defende que os ateus precisam ter um comportamento religioso, que o problema não é discutir se Deus existe ou não. Sabendo que, evidentemente, ele não existe, como é que a gente faz aquilo que só a religião pode fazer, que só o conhecimento religioso pode fazer? Essa é a sua pergunta principal. No mesmo campo encontro outro francês, André Comte-Sponville, que escreveu um livro chamado *O espírito do ateísmo*, muito bonito, e ainda um livrinho chamado *O Amor*, transcrição de programas de rádio em que ele disserta sobre os três grandes momentos do amor: o amor *Philia*, o amor *Eros* e o amor *Ágape*. Ele mostra como o amor *Ágape*, o amor cristão, é um salto ético gigantesco na humanidade, e como é que isso se desenvolve. E encontro ainda o próprio Vilém Flusser, com o seu *Da*

religiosidade, com a discussão da questão do Diabo em Guimarães Rosa e os comentários que ele faz sobre Kafka, no capítulo “Esperando por Kafka”. Nesse texto ele comenta a respeito do Deus nojento de Kafka, tanto a partir do nojo que Deus sente da sua criação quanto o nojo que a criatura sente de Deus. Sobre isso, acrescento mais um autor, justamente o Erick Felinto (no momento Erick estava na platéia. Também é um dos conferencistas) sentado aqui na minha frente. Erick lançou há pouco um livro chamado *Silêncio de Deus silêncio dos homens*, onde comenta a persistência do sagrado na literatura contemporânea. É também um belo livro, que incorporando algumas referências a Flusser e discute a necessidade antropológica do sagrado, que entendo como espelho da necessidade antropológica da ficção.

E num campo intermediário, mas reflexivamente muito intenso, encontramos Jorge Luis Borges com vários textos, principalmente o belíssimo conto “O milagre secreto”, e Machado de Assis, um autor que ataca fortemente a Igreja do seu tempo, com uma ironia ferina. Todos os personagens representados nas suas histórias são ridicularizados pela narrativa machadiana, mas os clérigos, principalmente os padres, são demolidos, especialmente no romance *Dom Casmurro*.

Recorro agora às últimas palavras de Machado, para que sejam também as minhas. Antes de morrer, aos 69 anos, com câncer na garganta, uma amiga dele, percebendo que ele ia morrer em poucas horas, disse: “já está na hora, vamos chamar o padre para dar a extrema unção”. Aí as penúltimas, não as últimas, as penúltimas palavras de Machado foram: “melhor não, seria hipocrisia”. Palavras que conseguem resumir bem o que foi a sua vida de combate às ilusões grandiloquentes do homem; ele não ia se render a elas e negar a sua vida inteira só porque estava à beirinha da morte. Poucas horas depois, antes de dar o dramático último suspiro, ele finalmente dá as suas últimas palavras, que faço minhas: “a vida é boa”. Ao dizer que a vida é boa no último instante da sua vida, Machado de Assis reafirma toda a sua vida, toda a sua vida de negação, de espelhamento e de reflexão.